

## CURTA

Rota ABC - sexta (dia 5)

Divulgação



As manifestações da juventude que habita a região industrial do ABC paulista são o foco do diretor Francisco César Filho no curta *Rota ABC*, uma homenagem ao longa-metragem *São Paulo S/A*, dirigido em 1965 por Luís Sérgio Person, que vaticinava no final dos anos 50 as margens da Via Anchieta como futuro do Brasil — uma referência à instalação do parque industrial automobilístico no ABC.

Com uma paisagem composta por trens, concreto e fumaça, *Rota ABC* mostra a resposta dos filhos daquela elite do operariado brasileiro, trinta anos depois da previsão vislumbrada em *São Paulo S/A*. O roteiro também escrito por Francisco Filho aborda a conquista de espaços para lazer, a herança das lutas operárias e o estado de espírito da juventude do ABC, com participação da banda punk *Garotos Podres* interpretando a música *Suburbio Operário*.

A música original foi composta pelo ex-*Mulheres Negras* André Abujamra, acostumado a trabalhar com trilhas para cinema e teatro, conquistando o Prêmio Moliere para o trabalho na peça *Encontrar-se*. Francisco César Filho é um paulistano de 32 anos e concorre como produtor executivo no XXIV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro com outro curta, *O Inventor*, além de seu próprio *Rota ABC*, seu quinto documentário em curta-metragem.

**ROTA ABC** — Direção e Roteiro: Francisco César Filho. Fotografia: Marcelo Coutinho. Montagem: Mirella Martíneni. Técnico de som: Tide Borges. Música original: André Abujamra. Duração: 11 minutos.

## CURTA

Numa Beira de Estrada - sexta (dia 5)

Divulgação



Numa beira de estrada mora um homem cuja única ocupação é colocar pregos sobre o asfalto, furando os pneus de todos os carros que passam por ali. Trocando os pneus furados dos carros, o homem da beira da estrada garante a sua sobrevivência. Mas com a chegada de um estranho andarilho, a sua metódica e miserável vida seria perturbada. Observando o esperto artifício de subsistência parasitária, o andarilho comece a cobiçar a fácil fonte de renda, do homem que mora numa beira de estrada.

Dirigido e escrito por Marcos Guttman e Luís Eduardo Vidal, *Numa Beira de Estrada* tem como atores principais Emmanuel Marinho e Rodrigo Bruno.

**NUMA BEIRA DE ESTRADA** — Direção: Marcos Guttman e Luís Eduardo Vidal. Roteiro: Luis Eduardo Vidal (colaboração de Marcos Guttman e Antonio de Oliveira). Fotografia: Dudu Miranda. Música original: Antônio Jardim. Elenco: Emmanuel Marinho, Rodrigo Bruno, Marco Moriconi e Cristiane Rangel. Cenografia: Eugênio Luis. Som: Bruno Viana. Montagem: Adriano Borges.

## LONGA

Dia 4

Divulgação

# Os 500 anos da invasão e não do descobrimento

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Pela primeira vez na história do Festival de Brasília, um padre figura entre os concorrentes ao *Troféu Candalango* (de melhor filme de longa-metragem). Ele é Conrado Berning, 50 anos, alemão naturalizado brasileiro, que chegou ao Brasil há 20 anos.

*Ameríndia — Memória, Remorso e Compromisso* é sua segunda incursão no 35 milímetros. A primeira (em 1988) foi *Pé na Caminhada*, filme sobre a Teologia da Libertação, premiado no Festival de Mannheim/Alemanha, como a "melhor realização do Terceiro Mundo".

— É comum um padre ser cineasta? Ou você é o único em ação no Brasil?

— Creio que sou o único (risos). Minha paixão pelo cinema vem da infância. Estudei na Academia de Cinema de Munique, o que me qualificou para realizar 70 filmes e vídeos. Minha atuação, na Verbo Filmes, produtora ligada à Igreja Católica, se pauta pela orientação dada às Pastorais (da Terra, do Menor, do Negro, etc) e pelo Grupo de Reflexão da CNBB — Linha 6 (Comunicação Social).

— Você não acha que a Igreja está muito atrasada em termos de comunicação audiovisual?

— Acho. A Igreja ainda percebe pouco a necessidade e importância de se entrar nos meios de comunicação modernos. Faz-se urgente que ela amplie sua ação pastoral com apoio do cinema, da TV, do vídeo.

— Em que o OCIC (Ofício Católico Internacional de Cinema) e a Margarida de Prata da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) ajudam?

— Ajudam no que podem. O OCIC tem, inclusive, no cargo de vice-presidente internacional o brasileiro José Tavares de Barros. O presidente do OCIC-Brasil, Miguel Pereira, é um crítico importante, que não mede esforços para difundir a consciência da necessidade do audiovisual na ação pastoral. Mas há muito a se fazer ainda.

— A Verbo, a exemplo da produtora dos Salesianos, aceita produzir campanhas políticas?

— Não, de forma alguma. Nossa compromisso social se dá com o cinema. A CNBB jamais daria apoio moral a uma produtora que faz campanha partidária. Podemos fazer, se a CNBB solicitar, campanha em torno de direitos do homem do campo, das crianças, do negro ou do índio. Jamais de candidatos.

— Mas a produtora dos Salesianos participou da campanha do Collor?

— Pois a Verbo Filmes não aceita fazer campanha para nenhum candidato, nenhum partido.

— O que o motivou a realizar "Ameríndia"?

— O ponto de partida foi o conhecimento que travei com vasta documentação do cineasta Jesco Von Puttkamer, da Universidade Católica de Goiás. Ele vive em Goiânia e tem 74 ou 75 anos. Seu acervo se compõe com imagens dos anos 50 (quando trabalhou com os Irmãos Villas Boas) para cá. Parte deste material foi editada pela BBC de Londres, mas permanecia inédito no Brasil. Cinco anos atrás, ao conhecer Puttkamer e seus filmes, comecei a sonhar com *Ameríndia*. Ele gostou muito da idéia e ficou felicíssimo em ver que o material terá utilidade e seria levado a grande público.

— O gancho do filme é o Quinto Centenário do Descobrimento da América?

— Justamente. É este mal chamado Descobrimento da América. Só que o filme traz visão crítica em cima desta comemoração. O filme vê a questão por três aspectos-chave: o registro das culturas que existiam nas Américas (os Incas, Maias, Astecas, no México e nos Andes) e os Povos da Floresta; a destruição destas culturas pelos invasores (no Brasil e na Bolívia, em especial); e o papel da Igreja.

— Que foi de convivência com o colonizador. A cruz velo de braço dado com a espada. Ou não?

— A Igreja, hoje, não nega que foi conivente. E ela es-



Em *Ameríndia*, o resgate de uma história

tá aberta para ser criticada. Infelizmente, na maior parte das vezes, caminhou junto com os ricos. As exceções são poucas.

— Como você vê a situação, hoje?

— A Igreja está tomando novos rumos. Nos últimos 20 anos, em especial, a Igreja da América Latina tornou-se mais dinâmica, profética, consciente de que o futuro será melhor. Passou a investir numa evangelização nova, que respeita a diversidade cultural, que trabalha com novos símbolos.

— Esta postura parece clara com relação aos índios. Já com relação aos negros, a Igreja continua muito fechada. Toma seus cultos como algo a ser combatido.

— Não, não é verdade. A Pastoral do Negro vem fazendo um bom trabalho. A Igreja está aprendendo a respeitar todas as culturas.

— Uma pergunta hipotética: o senhor, como a Igreja Católica Apostólica Romana do Brasil, censuraria "Je Vous Salut, Marie", de Godard?

— Não! Vi o filme no Festival de Berlim e gostei. Não acho que ele prejudique a ação pastoral da Igreja. Acredito na fé dos católicos e sei que o filme não lhes trará nenhum dano.

## Ameríndia

(Memória, Remorso e Compromisso no V Centenário)

■ Direção: Conrado Berning

■ Roteiro: Pedro Casaldaglia e José Oscar Beozzo

■ Fotografia: Conrado Berning e Jesco Von Puttkamer

■ Montagem: Conrado Berning

■ Técnico de Som: Zelinha Messias, Walter

Souza e José Gaspar

■ Música Original: Marlui Miranda e Autores:

Pedro Casaldaglia e Pedro Tierra

■ Bitola: 35mm

■ Duração: 70 minutos